

NOS QUE AMÁVAMOS (?) TANTO OS LIVROS

Paulo de Tarso Cabral Medeiros

"A leitura é uma forma de
felicidade" (Jorge Luis Borges)

Resumo

Este artigo é deliberadamente intertextual. Montagem de muitas citações, roçando de leve algumas questões acerca do livro, da linguagem e da leitura. Um modo de pela forma mimetizar o que se quer aqui: chamar a atenção para o ato de leitura, a promessa nele contida e aquilo que contemporaneamente a ameaça. Daí a razão da presença menos minha e mais de alguns escritores e leitores privilegiados como Borges, Proust, Merleau-Ponty e outros. Que falem então. Para desautomatizar-nos e engrandecer-nos. Para que a troca de experiências de leituras nos persuada uma vez: mais a ir buscá-los no original (a estes e a outros tantos), e a repetir o ancestral e mágico gesto de cheirar o velho papel, tateá-lo e deixar-se levar pelo misterioso ajuntamento de letrinhas impressas. O descaso pela leitura hoje torna urgente, creio, estas breves reflexões em tão boa companhia.

1 UM MUNDO SEM LIVROS?

Um mundo sem livros é como um mundo sem amigos. No filme FARENHEIT 451 François Truffaut revela, entre imagens diretas, secas e líricas, sua ante-visão de um mundo sem livros. Estamos no futuro e nada é mais terrível: homens dominados, controlados, servilmentes de acordo com as leis e os diários programados por telinhas de tevê em cada compartimento, pequenos quartos, salas e muitos aparelhinhos para ouvir as ordens daquela voz ascética, robótica. Andróides bonitos, bem-nutridos e vestidos, nem felizes nem infelizes, pois esta questão não se põe por lá. E onde - memória e crítica definidas como inúteis - ler não é preciso.

É perigoso ler, no sombrio mundo de Truffaut. a transgressão é arriscadamente praticada por uns poucos que, escondidos, clandestinos e apaixonados ex-leitores, recitam livros de memória (com disciplina e obsessão) uns para os outros e assim para os novos fugitivos que vão chegando e ajudam a construir esta comunidade de ciosos amantes da leitura.

E a luta contra a pequena e poderosa casta de dominantes se precipita, acumulando dores, mortes, mas também pequenas vitórias, como o deslumbramento de jovens até então desconhecedores da magia e do prazer desta milenar arte de contar histórias e desvelar mundos, até o desfecho final... que não vou contar aqui.

De qualquer modo o alerta é evidente: a conquista e ampliação do exercício da liberdade implicam necessariamente na reelaboração pela memória das trocas, heranças e experiências transubstanciadas em obras da cultura humana.

* Professor Assistente do Departamento e Mestrado em Ciências Sociais e do Mestrado em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, João Pessoa

Transposição simbólica da experiência", lembra Davi Arriguci Jr. lendo Borges (1). Ler é viver, re-viver, é mais-viver. É no caso deste filme avassalador, o ato de leitura reencontra uma de suas mais líricas imagens ancestrais, a do passeio no bosque (como em Platão), em recitais e animadas conversas, biblioteca viva, registro e atualização do passado, reserva da inteligência, da crítica, do prazer e da liberdade [...]

2 DE INFÂNCIA E BIBLIOTECAS

Para os personagens meio borgianos de Truffaut o ato de leitura pode ser percebido também como um modo rebelde de habitar o espaço, de agir habitando e fazer ressoar o imaginário coletivo; intervenção e repropriação pública, e gesto político por excelência, de resistência e combate.

Mais comumente, a descoberta da leitura é um ato solitário (para a infelicidade e o martírio dos estudantes de nossas escolas, vergados sob o peso da instrumentalização burra da cultura inerte, impacientes e entediados diante destes livros chatos, quando há toda uma dimensão lúdica a nos chamar lá fora, longe destas letras impressas que o ensino transformou em pesadelo infanto-juvenil. Será preciso sugerir Borges ou Barthes a professores do pré-escolar à pós-graduação para que, seduzidos pelo prazer e importância de ler como-quem-brinca, persuadam por sua vez as novas gerações?). Além de atravessar paredes, incendiar a pólis, inventar reinos, ler para Borges (ou reler, que ele dizia gostar mais) é ainda uma espécie de retorno alegórico ao nicho dos primeiros impulsos da infância e deslizamento na imaginação heróica do mundo: "[...] as letras são para Borges uma forma de espaço: a biblioteca, por onde ele tem acesso ao mundo de fora e às façanhas que deixaram fama - o faio épico que, desde o início, sempre alimentou sua imaginação."

E isto porque,

antes de se converter numa imagem alegórica do universo, a biblioteca é um espaço real e concreto, ligado à memória da infância, ninho das primeiras narrativas lidas e ouvidas, local onde se decifram os, livros e ruídos do mundo, lugar privilegiado e mágico (...)." (2)

Como nos ritmos e rimas das cirandas de roda, nas viagens com Gulliver, nos jogos inesperados de Malba Tahan, nos crepúsculos dos contos de fada, nos assombros de pisar na ilha com Robinson Crusoe e Sexta-Feira, nas freqüentações ao encantado Sítio do Pica-pau Amarelo, do espaço onde habitam os primeiros livros emana uma atmosfera de criação do inundo, pois

a biblioteca é um espaço de mediação: nela, a experiência do mundo passa antes pela experiência dos livros. Ali a imaginação se fecunda, e o mundo vira ficção: narrativa, contos, que as vezes são também poemas, ensaios, nunca .se deixando de contar, de algum modo, histórias. (3)

Tal emanção,

nos faz rememorar com freqüência à atmosfera de encanto e sedução da biblioteca aos olhos do menino - situação primordial onde se geram suas ficções entretecidas nos textos lidos e relidos, e de onde parte, como para Dom Quixote, sua aventura rumos aos mistérios do mundo. (4)

Na infância começa (começava?) pela leitura nosso acesso inesquecível ao gozo das "alegrias nectárias do Olimpo" (como Proust deliciosamente retórico nomeia o efeito de leitura de certas prosas líricas), uma vez que "Realmente achávamos algum prazer nessa brincadeira, pois ainda estávamos muito máximo dessa idade em que se julga dar vida ao

que se nomeia." (5)

3 LIVRO & MISTÉRIO: PROFANÁ-LO RESSACRALIZANDO-O ?

Contemporaneamente cabe aos apaixonados pelo livro um duplo desafio: manter, por assim dizer, esta aura, certo que de sagrado, tocar com reverência este inconsútil manto fosforescente, e ao mesmo tempo des-fetichizá-lo, dessacralizá-lo, despí-lo, repondo-se ao solo de um mundo onde ele vibra - como fluxo de intensidades, como investimento vital do corpo na escrita, como criação em processo.

E, desafio permanente, pois sacralizar o livro significa sempre renovar o mote transfigurador que qualquer experiência estética virtualmente suscita. No dizer de Borges,

la musica; los estados de felicidad, la mitologia, las caras trabajadas por el tiempo, ciertos crepusculos y ciertos lugares, quieren decirnos algo, o algo dijeron que no hubieramos Bebido perder, o están por decir algo, esta inminencia de ina revelación, que no se produce, es, quiz í, el hecho estético. (6)

Reafirmar a aventura que é ler, lembrando que "em todo o Oriente há o conceito de que um livro não deve revelar as coisas; um livro deve, simplesmente, ajudar-nos a descobri-las." (7)

Deixar falar o mistério enfim, como sugere Merleau-Ponty, recusando a sedimentação de um tipo de "saber-alheio-ao-reconhecimento-de-mistérios" (8) já que "seja mítico ou inteligível, há um lugar onde tudo o que é ou que será prepara-se, ao mesmo tempo, para ser dito."(9)

Mas sabemos que a tendência dominante é a de não deixar o livro falar e, assim, não o escutá-lo, visto ser impiedosamente fetichizado, idealizado, paralisado numa "eternidade" morta, seja pela burocratização esterilizante da instituição escolar, seja substituído pela banalidade descartável da informação jornalística, seja pelo mutismo "célebre" conferido pela instituição Biblioteca.

Dai não ser demasiado continuar por desarmar o âmbito estereotipado da formação escolar que, emudecendo o livro, condena o ensino. Que contracante, então, outra preciosa leitora; escritora: Adélia Prado:

ENSINAMENTO

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
ela falou comigo"
"Coitado, até essa hora no serviço pesado"
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água
Quente
Não me falou em amor. Essa palavra de luxo. (10)

4 DE JORNAIS E GRANDES HOMENS

Sobre as trivialidades de jornal, vale muito incorporar aqui a bela reflexão de Swann e seu sentimento (atualíssimo!) em relação a estes "aborrecidos jornais que agora nos julgamos obrigados a ler pela manhã e à noite."(11)

Antes porém, acrescente-se a síntese que o mago Borges faz, como quando abandonado o jornal inclinamo-nos aos comentaristas e de novo perdemos aqueles grandes amigos com quem deixamos de conversar:

Em uma conferência, Emerson diz que uma biblioteca é uma espécie de gabinete mágico. Nele se encontram, encantados os melhores espíritos da humanidade, mas que esperam nossa palavra para sair de sua mudez. Temos que abrir o livro; aí eles despertam. Diz Vontaigne que podemos contar com a companhia dos melhores homens que a humanidade produziu, mas que não os buscamos. Preferimos ler comentários, críticas, e não chegarmos ao que dizem. (12)

É justamente nossa recusa em frequentar os grandes homens (retendo, claro, a ambigüidade e ironia do próprio Borges comentarista - e deste texto... repleto deles...), esta servidão que nossa porção-banal desencadeia e demanda diariamente, que irrita o personagem de Proust: "o que censuro aos jornais" diz Swann, "é fazer-nos prestar atenção todos os dias a coisas insignificantes, ao passo que lemos três ou quatro vezes na vida os livros em que há coisas, essenciais."

E propõe:

De vez que rasgamos febrilmente cada manhã a faixa do jornal, deviam-se então mudar as coisas e pôr no jornal, digamos... os Pensamentos de Pascal (acentuou o título com uma ênfase irônica para não parecer pedante). E no volume de corte dourado que só abrimos uma vez cada, dez anos acrescentou, testemunhando pelas coisas mundanas esse desdém que afetam certos homens da sociedade.

- é que leríamos que a rainha da Grécia foi a Cannes, ou que a princesa de Leon deu um baile à fantasia. Com isto, estaria restabelecida a justa proporção. (13)

5 LEITOR: VIAJANTE SEM RETORNO

Adentrar na atmosfera de pensamento que o livro cria, instalar-se na obra e aceitar o convite, é viajar, é iniciar sendo um e voltar já sendo outro:

Começo preguiçosamente a ler um livro. Trago meu conhecimento da língua, o que sei sobre o sentimento das palavras, sobre as formas, sobre a sintaxe. O livro me interessa porque me diz o que já sei e o autor e eu estamos no terreno comum das significações adquiridas e disponíveis. Ele se instala rio meu mundo como eu rio dele.

Subitamente, sem que eu me dê conta, um acontecimento imperceptível: afasta os signos do sentido ordinário e põe-se a me arrastar como num turbilhão. Sou carregada rumo ao sentido novo que vou encontrando.

'Sei, antes de ler Stendhal, o que é um malandro e posso, portanto, compreender o que ele quer dizer quando escreve que o fiscal Rossi é um malandro. Mas quando o fiscal Rossi começa a viver, já não é ele que é ura malandro, mas um malandro que é o fiscal Rossi.

Entro na moral de Stendhal pelas palavras de que todo mundo se serve, ruas entre suas mãos essas palavras sofreram uma secreta torção. A medida gire os recortes se multiplicam e que mais flechas se desenhara rumo a esse lugar de pensamento aonde nunca fui antes, aonde, sem Stendhal, talvez eu nunca fosse, enquanto as ocasiões nas quais Stendhal as emprega indicam cada vez mais imperiosamente o sentido novo que lhes dá, aproximo-me ainda mais dele até que eu leia suas próprias palavras na própria intenção com que as escreveu [...].

Crio Sthendhal, sou Sthendhal lendo-o, ruas porque, de início, ele soube instalar-se em mim. A realza do leitor é apenas imaginária, pois obtém toda sua potência dessa máquina infernal.

que é o livro, aparelho de criar significações[...]. A linguagem falada é aquela que o leitor trazia consigo, a massa de signos estabelecidos com significações disponíveis, sem a qual não poderia começar a ler, linguagem que constitui a língua e o conjunto dos escritos dessa língua e da qual à obra de Stendhal fará parte, tão logo seja compreendida e venha acrescentar-se à herança cultural. Alas a linguagem falante é a interpelação que o livro dirige ao leitor não prevenido, é a operação pela qual um

certo arranjo dos signos e das significações já disponíveis alteram-se, depois se transfiguram até, finalmente, secretar uma significação nova, estabelecendo no espírito do leitor, como instrumento doravante disponível, a linguagem de Stendhal. (14)

Esta ambivalência contida na natureza da linguagem implica certamente numa ambigüidade virtual do ato de ler. O prodígio da linguagem criadora pode, dependendo do leitor, dissolver-se em automatismo de linguagem instrumental. Ler: promessa e risco.

6 LEITURA: FECHAMENTO AUTORITÁRIO OU EXERCÍCIO LIBERTÁRIO?

Ler não é um ato inocente. Pode virar promessa de inesquecíveis encontros ou puro logro no jogo de espelhos. Depende de como aceito o outro e de como desejo o outro que é diferente de mim. Posso ler apenas o que quero ver escrito ali, ou posso abrir-me e visitar mundos, e ser tantos outros personagens e assim ir ampliando infinitamente minha própria liberdade.

E, aqui vale o toque de Marilena Chauí:

Se o leitor se dispuser a caminhar na companhia do autor, pensar com ele, interrogar a partir dele contra ele, certamente as dificuldades iniciais da leitura serão logo superadas porque terá tido início aquilo que, noutro lugar, Lefort chama de "o trabalho da obra".

Contrariamente à ilusão objetivista - que nos faz crer que uma obra de pensamento se encontra apenas no texto do autor - e contrariamente à ilusão subjetivista - que nos faz crer que uma obra de pensamento se encontra apenas nas múltiplas interpretações que lhe dão os leitores -, Lefort considera que o enigma da obra, seu trabalho, está em existir simultaneamente no texto do escritor e nos textos de seus leitores, no campo constituído por eles e no debate fecundo e interminável que aí se institui. [...] (15)

É esta transversalidade que, afinal, instaura um outro lugar e funda a intersecção. É por esta trilha que continua nossa filosofia, lendo Lefort e ressaltando:

Não se trata de 'diálogo' entre autor e leitor, nem de 'mensagem' enviada a alguns destinatários. Trata-se apenas da compreensão de que uma obra de pensamento é aquela que, ao pensar, dá a pensar. Concepção generosa do pensamento, que Lefort compartilha com Merleau-Ponty, a obra instaura um modo de existência como diferença interna entre escrita e leitura que abre o pensar, em vez de fechá-lo, em vez de fechá-lo sobre si mesmo, abertura que é o trabalho da obra ou o que Lefort designa como o trabalho da interrogação que, escreve ele [...], é o vínculo mais seguro entre autor e leitor', pois "é na leitura que um livro se faz. (16)

Onde então o risco? Vejamos:

Todavia, ler, escreve Lefort noutro lugar, pode ser um obscuro desejo de dominação quando o leitor se acerca da obra não como quem se aproxima do trabalho da interrogação, mas como quem se apropria de um objeto completamente determinado, exposto à inspeção intelectual do olho do espírito que sobrevoa e controla o texto.

A "objetividade" atribuída à obra permite ao leitor situar-se num lugar imaginário, fora do campo de pensamento a ele oferecido, num lugar de onde possa contemplá-la inteiramente, abarcando todas as perspectivas, num geometral omnividente e por isso omnisciente. (17)

Sintomaticamente é de poder que se trata aqui. Diz ela:

Ora, curiosamente, esse lugar alto, externo, de onde tudo é visto e compreendido, não é apenas o lugar que nossa ciência atribui ao observador, é também o lugar que, em nossas sociedades, a imaginação confere ao poder. A "objetividade" atribuída à obra, parecendo dar-lhe plena soberania sobre o simples leitor, é, de fato, sustentada pela subjetividade soberana do contemplado imaginário. (18)

Leitura: lugar de soberania ou de amizade. De posse ou de partilha. Depende do leitor. Depende deste; querer o futuro (ou presente) descrito no filme de Truffaut ou não. Um mundo com livros, e com leitores não-autoritários, é um mundo de venturas, de liberdades, prazeres e saberes. Afinal, leitores precocemente autoritários um dia fecharam (fecharão) o acesso dos outros a esta forma nobre de felicidade.

"Dependerá do leitor escolher o tipo de leitura que pretende fazer" conclui Chauí:

(Ele) poderá acolher a obra, a indeterminação que a constitui, participar do campo de questões por ela aberto e jamais encerrado. Como dele dependerá não aceitar a parceria, o conflito ou a concordância, a instigação a pensar, preferindo situar-se no abrigo da soberania que supõe ter sobre aquilo que lê e pensa. A cada um de nós encontra-se aberto o trabalho da obra e aberta a possibilidade de inventar ou não uma leitura democrática [...] (19)

WE WHO LOVED SO MUCH THE BOOKS

NOTAS

(1) ARRIGUCCI JR., David. **Enigma e comentário**: ensaio sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

(2) *ibidem*. p.195-6.

(3) *ibidem*. p.196.

(4) *ibidem*. p.231.

(5) PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. Trad. Mário Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p.58. grifo nosso. Ver também, a propósito, BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, Ed. Universidade de São Paulo, 1977.

(6) BORGES, Jorge Luis. **Otras inquisiciones**. Buenos Aires: Emecé, 1964.

(7) BORGES, Jorge Luis. O livro. In: **Cinco visões pessoais**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1987, p. 10.

(8) OLANDI, Luiz. **A voz do intervalo** (introdução ao estudo do problema da linguagem na obra de Merleau-Ponty). São Paulo: Ática, 1980. p.22

(9) MERLEAU-PONTY, Maurice. La prose du monde (texto estabelecido por Claude Lefort), Paris: Gallimard, 1989. p.10, I l. (Ver também os indispensáveis "Fenomenologia da linguagem" e "A linguagem indireta e as vozes do silêncio", In: **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

(10) PRA DO, Adélia. **Bagagem**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.p. 24.

(11) PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. op cit., p.20

(12) BORGES, Jorge Luis. **O livro**. op cit., p.10

(13) PROUST, Marcel. op.cit., p.20

(14) CHAUI, Marilena. Merleau-Ponty e a dignidade ontológica do sensível. Polimica. **Revista Semestral de Crítica e Criação**, n.3, p.131, 132.

(15) CHAUI, Marilena. Apresentando o livro de Lefort. In: LEFORT, Claude. **A invenção democrática**: os limites do totalitarismo. São Paulo. Brasiliense, 1983.

(16) *ibidem* grifos da autora

(17) *ibidem*

(18) *ibidem*

(19) *ibidem*